

Vol. 18, número 2, jul-dez, 2025, pág 211-228

O cuidado enquanto ato: Psico-oncologia, saúde mental e humanização da assistência

Care as an act: Psycho-oncology, mental health and humanization of care

Florence Façanha de Oliveira¹

Livia Nádya Albuquerque dos Santos²

RESUMO

A Psico-oncologia é um campo de atuação da(o) psicóloga(o) voltado para a assistência psicológica a pacientes, equipes e familiares envolvidos no contexto do adoecimento oncológico. Este artigo tem como objetivo explorar as diversas possibilidades de atuação da Psicologia no âmbito da Psico-oncologia, com ênfase nas relações de cuidado no ambiente hospitalar e no papel essencial que os psicólogos desempenham na promoção da saúde mental e na humanização do cuidado para pacientes acometidos por doenças graves. A pesquisa qualitativa foi adotada como metodologia, utilizando-se a análise documental da produção fílmica *Wit – Uma Lição de Vida* e a pesquisa bibliográfica. A discussão destaca a importância das relações de cuidado com os pacientes, que funcionam como promotoras de saúde mental e humanização, influenciando significativamente a maneira como os indivíduos lidam com o sofrimento e enfrentam a experiência do adoecimento. A Psicologia, nesse contexto, assume um papel central. Conclui-se que a inserção da Psicologia no ambiente hospitalar amplia as possibilidades de cuidado, não só para os pacientes, mas também para seus familiares e a equipe de saúde, sendo este um processo em crescimento. Refletir sobre essa realidade abre caminhos para novas formas de acolhimento às pessoas que vivenciam um adoecimento crônico e evolutivo.

¹ Afiliação institucional: Universidade de Fortaleza (UNIFOR)Endereço eletrônico: florencefacanha@gmail.comORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2069-3724>Link do currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3132524006850647>

²Afiliação institucional: Universidade de Fortaleza (UNIFOR)Endereço eletrônico: livianadia99@gmail.comORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5230-0529>Link do currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3534335019652623>

Palavras-chave: Psico-oncologia. Humanização. Psicologia Hospitalar.

ABSTRACT

Psycho-oncology is a field of work for psychologists focused on providing psychological assistance to patients, teams and family members involved in the context of cancer. This article aims to explore the various possibilities for Psychology to work within Psycho-oncology, with an emphasis on care relationships in the hospital environment and the essential role that psychologists play in promoting mental health and humanizing care for patients suffering from serious illnesses. Qualitative research was adopted as the methodology, using documentary analysis of the film *Wit – Uma Lição de Vida* and bibliographic research. The discussion highlights the importance of care relationships with patients, which function as promoters of mental health and humanization, significantly influencing the way individuals deal with suffering and face the experience of illness. Psychology, in this context, assumes a central role. It is concluded that the inclusion of Psychology in the hospital environment expands the possibilities of care, not only for patients, but also for their families and the health team, and this is a growing process. Reflecting on this reality opens up new ways of welcoming people who experience a chronic and progressive illness.

Keywords: Psycho-oncology. Humanization. Hospital Psychology.

RÉSUMÉ:

La psycho-oncologie est un domaine d'activité des psychologues axé sur l'assistance psychologique aux patients, aux équipes et aux membres de la famille impliqués dans le contexte d'une maladie oncologique. Cet article vise à explorer les différentes possibilités d'action de la Psychologie dans le cadre de la Psycho-oncologie, en mettant l'accent sur les relations de soins en milieu hospitalier et le rôle essentiel que jouent les psychologues dans la promotion de la santé mentale et l'humanisation des soins aux patients atteints de maladies graves. La recherche qualitative a été adoptée comme méthodologie, utilisant l'analyse documentaire de la production cinématographique *Wit – A Life Lesson* et la recherche bibliographique. La discussion souligne l'importance des relations bienveillantes avec les patients, qui fonctionnent comme des promoteurs de la santé mentale et de l'humanisation, influençant de manière significative la manière dont les individus gèrent la souffrance et font face à l'expérience de la maladie. La psychologie, dans ce contexte, joue un rôle central. On conclut que l'insertion de la psychologie en

milieu hospitalier élargit les possibilités de soins, non seulement pour les patients, mais aussi pour leurs familles et l'équipe soignante, ce qui est un processus en pleine croissance. Réfléchir à cette réalité ouvre de nouvelles façons d'accueillir les personnes aux prises avec une maladie chronique et évolutive.

Mots clés: Psycho-oncologie. Humanisation. Psychologie hospitalière.

O surgimento da Psico-oncologia como campo de ensino, pesquisa e prática ocorreu a partir da interface entre a Psicologia da Saúde e a Oncologia, a qual foi fomentada por uma ampliação do conhecimento sobre o câncer. O câncer é uma doença genética caracterizada pela divisão e proliferação desordenada de células que sofreram mutação em seu material genético. Este ocorre em qualquer parte do organismo e é o acúmulo das células que dá origem aos tumores. Os tumores são caracterizados pelo agrupamento de células anormais, que uma vez formadas serão destruídas pelo organismo, permanecerão como tumores benignos ou se transformarão em tumores malignos. Tudo dependerá do sistema imunológico do indivíduo, que será influenciado por diversos fatores de risco (Associação Brasileira do Câncer, 2007).

O câncer é um grupo de mais de cem tipos de doenças sem uma causa única, pois sua origem envolve fatores como hábitos de vida, predisposição genética e história pessoal. Apesar dos avanços no diagnóstico precoce e nas opções terapêuticas, que aumentaram significativamente as taxas de cura, a doença ainda é fortemente associada à morte no imaginário coletivo. Esse estigma está relacionado à percepção do tratamento oncológico como um processo doloroso, repleto de efeitos colaterais, mutilações e mudanças na imagem corporal, o que intensifica seu impacto emocional (Aguiar, 2019).

Ao longo da vida, os seres humanos vivenciam uma gama variada de lutos e este processo também pode ser desencadeado ao vivenciar uma experiência de adoecimento significativa. Quando nascemos, iniciamos as experiências e entramos em contato com as perdas, como o encerramento de ciclos de vida e início de outros, os relacionamentos afetivos, os objetivos de vida, as rupturas de vínculos das mais diversas ordens, entre outros. Dessa

forma, entramos em contato na experiência humana com a realidade de que a perda é algo constante na vida e se faz presente em nosso ciclo vital (Kovács, 1992).

A percepção de um adoecimento ou as perdas cotidianas decorrentes deste podem provocar efeitos nocivos na esfera psíquica do paciente. As mudanças e a necessidade de adaptação a um novo contexto de vida, somadas ao medo da morte, podem desencadear sentimentos de angústia no paciente com câncer (Antonechen & Dóro, 2016). Ademais, é possível perceber neles a manifestação do luto antecipatório, que é uma reação à possibilidade da perda concreta ou simbólica iminente, assumindo os mesmos sinais e sintomas do luto pós-morte, tais como tristeza, revolta e negação (Parkes, 1998).

A morte é considerada a perda mais significativa, por sua natureza concreta e irreversível. Embora seja reconhecida como um fenômeno natural, inevitável e universal, os indivíduos frequentemente encontram dificuldade em racionalizar sua própria mortalidade, tendendo a evitá-la. Isso contribui para o despreparo social diante da finitude (Kubler-Ross, 2008).

O presente artigo tem como objetivo geral explorar as possibilidades de atuação da Psicologia dentro do campo da Psico-oncologia, refletindo e investigando especificamente sobre as relações de cuidado dentro do âmbito hospitalar e como a categoria profissional da Psicologia pode exercer um papel fundamental na saúde mental e na humanização do cuidado ao paciente acometido por um adoecimento grave. O câncer hoje é considerado uma doença potencialmente grave, que traz uma gama de repercussões nos aspectos emocionais, mentais, físicos, sociais e espirituais dos pacientes e seus familiares. Nesse sentido, a atuação do profissional da psicologia no cuidado e oferta da humanização da assistência é essencial.

METODOLOGIA

Abordar a atuação da Psicologia no contexto de um adoecimento oncológico grave é tratar do cuidado integral ao indivíduo, considerando sua singularidade na travessia do adoecimento. Para a construção do trabalho foi utilizado o método qualitativo, o qual possibilita trabalhar com um conjunto de

fenômenos da natureza humana que estão presentes na realidade social. Ademais, é composto de aspectos que lidam com os significados dos universos, crenças, aspirações, valores e atitudes que correspondem a um profundo espaço das relações e dos fenômenos, sendo estes impossíveis de serem reduzidos a uma simples operacionalização de variáveis (Minayo, 2015).

Para o levantamento de dados do estudo, foi realizada pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. Marconi e Lakatos (2003) apontam que a pesquisa documental apresenta fonte de coleta de dados restrita a documentos, sendo escritos ou não, podendo ser utilizadas diferentes fontes, como: filmes, pinturas, revistas, jornais, entre outros (Fonseca, 2002). Desse modo, o levantamento de dados utilizado para a pesquisa se deu através do filme com o título “WIT - Uma lição de vida”, lançado em 2001, com duração de uma hora e trinta e nove minutos. A obra cinematográfica retrata o adoecimento oncológico de ovário em estadiamento avançado de uma mulher e sem possibilidade terapêutica de cura. No filme, a mesma realiza um tratamento experimental, onde o diretor busca retratar e refletir de forma impactante sobre o tratamento técnico e assistencial dos profissionais, sobre a vida da paciente antes e depois do câncer e aspectos existenciais que podem perpassar o sujeito a partir da vivência de um adoecimento grave.

A produção fílmica é uma ferramenta que representa fatos da realidade através do enredo cinematográfico. O estudo de cunho qualitativo utiliza desta produção como forma de dar conta da construção social do contexto abordado (Flick, 2009). A análise fílmica foi separada em quatro momentos. Na primeira etapa a obra foi vista por completo, realizando anotações das impressões iniciais. O segundo momento foi estruturado a partir do levantamento das questões abordadas na pesquisa, e foram escolhidas as cenas que seriam utilizadas para a análise. Na terceira etapa foram realizadas análises individuais de cada cena, destacando as impressões acerca da temática. Como último e quarto momento, com o intuito de responder às questões iniciais levantadas, foram explorados padrões em comum no filme por completo.

Portanto, foi utilizada a pesquisa bibliográfica para alinhar os dados encontrados ao referencial teórico exposto. Para Gil (2018), esta é uma

pesquisa construída com base em materiais já publicados, com objetivo de fornecer fundamentação teórica para o trabalho, e possibilidade de contato com diversos fenômenos, além de possibilitar a compreensão de autores e análise de diversas perspectivas dos assuntos específicos. Com a articulação do conteúdo e a teoria, buscou-se selecionar reflexões sobre as questões levantadas, com a utilização de autores principais, como: Carvalho, Kluber-Ross, Kovács e Kupermann. Por fim, em vista de explorar os objetivos propostos pelo trabalho, as discussões foram realizadas a partir da análise do filme “WIT - Uma lição de vida”, onde foi relacionado a assistência ao adoecimento oncológico, a saúde mental, a humanização e as possibilidades de atuação da Psicologia.

DISCUSSÃO

O filme dialoga com a Psico-oncologia e a atuação da mesma no ambiente hospitalar, por trazer elementos referentes ao processo de adoecimento e ao sofrimento acarretado por este à personagem Vivian. A mesma possui um diagnóstico de câncer de ovário no quarto estágio, o qual é considerado um alto grau de estadiamento da doença. A vivência do adoecimento é pessoal e subjetiva, sendo assim, a experiência ocorre de forma singular para cada pessoa, pois os mecanismos de enfrentamento e de resistência dependem de sua história, ou seja, como ela passou por outras experiências de crises, perdas e de sofrimento no decorrer da vida (Mäder, 2016). Reações psicológicas podem surgir diante do diagnóstico oncológico como ansiedade, depressão, anorexia, fadiga e ideações suicidas (Delalibera, Presa, Barbosa, & Leal, 2015). Com o progresso da doença, o paciente pode se sentir vulnerável e impotente, à medida que o avanço da enfermidade se inscreve em seu corpo, revelando aos outros a proximidade do fim de forma escancarada (Ladeira & Grincenkov, 2020).

Como aponta Kovács (2016), a representação social do câncer ainda está fortemente associada ao sofrimento, à dor e à morte. O estigma em torno da doença permanece arraigado na sociedade, que a vê como traiçoeira e a

descreve frequentemente em termos de uma batalha, onde o paciente precisa travar uma guerra contra ela ao longo do tratamento. Expressões como “luta contra o câncer”, amplamente disseminadas em campanhas de conscientização, reforçam essa perspectiva estigmatizante, sugerindo, de forma equivocada, que a doença não oferece possibilidades terapêuticas.

No filme, essa visão é evidenciada quando diversos personagens descrevem a protagonista como uma pessoa forte por suportar a dose máxima do tratamento quimioterápico experimental. Esse discurso reforça a ideia equivocada de que o paciente deve ser resiliente para enfrentar a doença, ignorando as singularidades da experiência de cada indivíduo. Enquanto os profissionais sustentam essa narrativa, Vivian, por meio de seus monólogos, contrapõe essa visão ao destacar que não é o câncer que lhe causa maior sofrimento, mas sim os efeitos colaterais do tratamento, que comprometem sua saúde e qualidade de vida.

A Psico-oncologia tem como objetivo oferecer suporte ao paciente com câncer, à sua família e aos profissionais de saúde em diferentes fases da doença, desde a prevenção e o tratamento até a reabilitação e os cuidados paliativos (Kovács, 2016). Nesse contexto, o psicólogo desempenha um papel fundamental ao compreender as dimensões psicológicas envolvidas no diagnóstico oncológico, incluindo o impacto emocional da doença no paciente, em seus familiares e na equipe de saúde responsável pelo seu cuidado.

Esse trabalho ocorre em conjunto com uma equipe multidisciplinar, pois busca um atendimento integral, considerando não apenas os aspectos médicos da doença, mas também suas implicações emocionais, sociais e existenciais. A integração entre diferentes profissionais possibilita um cuidado mais abrangente e humanizado.

É válido salientar que a atitude humanizada propõe a capacidade de compreender emocionalmente o outro. Este movimento apresenta valores éticos, como compromisso, respeito ao outro, responsabilidade, amor e solidariedade (Aguiar, 2019). Dessa forma, a presença da psicóloga no contexto oncológico é de notória importância na humanização da assistência, visto que pode auxiliar o sujeito no processo de travessia do adoecimento.

No filme, uma das questões centrais é a relação da paciente Vivian com a equipe de saúde, em especial os médicos e a enfermeira que a acompanham ao longo do tratamento. Essas interações evidenciam diferentes abordagens no cuidado e refletem os desafios enfrentados tanto pelo paciente quanto pelos profissionais envolvidos.

É notório ressaltar que a partir do contato e da vivência de Vivian com esses profissionais ela começa a se questionar e refletir sobre a própria vida, sobre questões existenciais, sobre o seu comportamento intransigente como professora e sobre a sua rigidez com os alunos. Nessa relação, observamos dois opostos: os médicos preocupados em ver e estudar como Vivian reage ao tratamento quimioterápico experimental e a enfermeira que, para além do tratamento experimental, oferece um cuidado mais voltado para o ser humano - a personagem - que está em sofrimento extremo.

Analisar como Vivian, a partir do adoecimento e da convivência com esses personagens, passou a ressignificar a sua vida se faz importante para o campo da Psicologia da Saúde, uma vez que permite tecer um olhar crítico sobre como a experiência de adoecimento singular da personagem suscita questões pertinentes ao estudo da psicologia e como área pode contribuir e oferecer cuidado para os pacientes em adoecimento como um profissional que compõe a equipe multidisciplinar.

Na relação entre paciente e profissional da saúde presente na obra, observa-se uma hierarquização do saber médico em detrimento da autonomia da paciente. Vivian, através das suas experiências com os especialistas responsáveis por seu tratamento, passou a se identificar com um médico que fora seu aluno. Isso ocorreu devido à observação de como o seu antigo aluno se comportava dentro de sua profissão em comparação com a sua própria forma de agir, de exigir e de motivar seus alunos anteriormente. A personagem percebeu que aquele modo de lecionar acarretava em profissionais cada vez mais racionais, os quais se importavam em realizar suas atividades de forma eficaz sem se preocuparem com o viés humano na relação de cuidado. No relacionamento entre a paciente e a enfermeira Susie, observa-se como o

acolhimento e a escuta da enfermeira para com Vivian tiveram importância no decorrer do tratamento.

A questão abordada nesses dois extremos se refere à humanização no processo de adoecimento e tratamento como uma garantia da dignidade ética, para que o sofrimento humano possa ser humanizado é necessário que haja o diálogo entre os sujeitos envolvidos no cuidado. Assim, humanizar é garantir a dignidade do ser humano e o respeito por seus direitos, pois a pessoa humana tem que ser considerada em primeiro lugar. O cuidado ao sujeito procede a alívio do sofrimento, a indiferença nesses casos é um fator desumanizante que intensifica a dor e o sofrimento (Porto & Lustosa, 2010).

A cronificação do sofrimento e das reações psicológicas dentro da esfera do cuidado podem acarretar repercussões negativas na saúde mental dos pacientes. A comunicação efetiva entre os envolvidos no tratamento como algo humanizado pode ser vista no momento em que Vivian e a enfermeira discutem sobre o tratamento experimental, quando a própria paciente já sabia que os medicamentos não estavam surtindo o efeito esperado para a diminuição do câncer, constatando que ela era um sujeito experimental em observação.

A primeira pessoa que fala de forma clara para Vivian sobre o tratamento e que estabelece uma relação humanizada de cuidado é a enfermeira Susie. Segundo Kupermann (2016), a indiferença nesse espaço de cuidado desautoriza o sofrimento do sujeito hospitalizado, sendo a empatia o oposto da indiferença. Para ele a empatia dentro do âmbito da psicologia hospitalar estaria relacionada a como o cuidador se deixa afetar pelo sofrimento do doente e como este cuidador também iria afetá-lo. Dessa forma, há um sentido que seria produzido entre os dois sujeitos da relação, dando espaço para a autorização do sofrimento.

No decorrer da trama, a enfermeira menciona que Vivian pode decidir se quer ser reanimada ou não, caso os seus sinais vitais falhem. Um conceito que se refere à autonomia do paciente e que também está ligado a humanização é o da Diretiva Antecipada de Vontade (DAV), que é um documento em que a pessoa decide junto ao médico quais procedimentos deseja realizar ou não, suas vontades em relação ao pré e ao pós-morte. Esse documento permite que

haja um espaço de autonomia para os pacientes, os quais podem intervir em como querem ser assistidos, sendo sujeitos ativos no seu processo de cuidado. No Brasil, a DAV é resguardada pela Resolução 1995/2012 do Conselho Federal de Medicina (Conselho Federal de Medicina, 2012).

Há que se discorrer sobre um tema relevante e necessário no adoecimento oncológico, que são as discussões acerca da bioética. Esse campo de estudo fornece um arcabouço teórico para abordar questões relacionadas à vida e à morte, processo de morrer, tratamentos, mas sua aplicação prática exige uma sensibilidade que transcende os princípios gerais. Quando se trata de debates a respeito da vida do sujeito, é imprescindível considerar as circunstâncias individuais, os valores culturais e as crenças religiosas que influenciam pacientes, seus familiares e os profissionais de saúde envolvidos no cuidado (Santos, Bezerra, Santos, Silva, Justa, Carvalho & Freitas, 2024).

Nesse mesmo contexto, tem-se os denominados princípios da bioética: beneficência, não-maleficência, justiça e autonomia. O primeiro trata-se de priorizar o bem-estar do paciente, visando garantir melhora e qualidade de vida. Na mesma lógica, o princípio de não-maleficência assegura a prevenção de qualquer dano. Como justiça, compreende a alocação justa e igualitária dos recursos de saúde, como acesso a tratamentos, medicamentos e serviços médicos. Por fim, mas não menos importante, a autonomia fortalece o direito do indivíduo de ter suas decisões ouvidas e respeitadas (Barboza, 2000).

Ao longo do filme, torna-se evidente um conflito em relação aos desejos de Vivian. Em um momento crucial, um dos médicos, ao notar a falência dos sinais vitais da paciente, inicia um protocolo de reanimação, apesar de estar ciente de que essa não era sua vontade. Em nenhum momento, foi dada a oportunidade da paciente exercer o seu direito de decidir e escolher sobre sua própria, fortalecendo um percurso de sofrimento existencial.

Nesse sentido, foi proposta a viabilidade de alternativas para a recuperação da função renal comprometida e determinar se a intervenção realmente trará benefícios. Ao mesmo tempo, a autonomia da paciente e a importância ética de seu consentimento no processo de decisão sobre o tratamento ganham cada vez mais destaque. Assim, torna-se fundamental

buscar um equilíbrio entre esses princípios, assegurando uma abordagem que alie a melhor conduta clínica considerando a vontade da paciente (Silva & Schramm, 2007).

Tendo isso em vista, a equipe tem um papel primordial na orientação dos pacientes e famílias sobre essa realidade, dessa forma, é importante fomentar a autonomia destes em relação aos tratamentos e procedimentos realizados, para isso é necessário que eles saibam que existem a possibilidade de assegurar que os seus desejos poderiam ser resguardados até o último minuto da sua vida.

O profissional de psicologia exerce o papel de mediador das relações interprofissionais, sendo o responsável por auxiliar a equipe na tomada de consciência dentro das diversas situações que ocorrem na instituição hospitalar. Sendo esta possível quando há a troca de experiências, o diálogo entre todos os envolvidos no adoecimento e o debate sobre questões referentes às diferentes abordagens que compõem o cuidado dentro da equipe (Carvalho, 1994).

Outro conceito fundamental no debate sobre o uso das tecnologias de intervenção e a humanização dos cuidados em saúde é o da distanásia. Ainda predominante nas práticas médicas, a distanásia refere-se ao prolongamento da vida por meio de uma obstinação terapêutica que, muitas vezes, gera mais dor e sofrimento do que benefícios reais para a recuperação do paciente. Embora esse modelo já seja amplamente questionado, sua modificação ainda enfrenta desafios (Monteiro, Mendes, Beck & 2019).

Em contraposição a essa lógica de morte prolongada artificialmente, surge o conceito de ortotanásia, que defende a morte no tempo certo, respeitando o curso natural da vida, sem abreviações ou prolongamentos desnecessários no processo de morrer (Posto & Lustosa, 2010). Para os autores, essa abordagem está diretamente ligada aos Cuidados Paliativos, que priorizam a qualidade de vida do paciente, fundamentando-se no respeito à sua autonomia e na oferta de um cuidado integral. O foco principal desse modelo é minimizar o sofrimento e a dor, garantindo uma assistência mais humanizada e digna ao longo da finitude.

A iminência de finitude é outra questão importante que o filme aborda, pois aparece na trama desde o recebimento do diagnóstico pela personagem Vivian. Embora todos os seres humanos sejam finitos, é a partir desse momento que ela passa a refletir sobre a própria morte. A personagem aponta dúvidas, conflitos e questionamentos acerca da vida que perpassam a questão da morte. As cenas que abordam esses momentos estão relacionadas ao seu trabalho e ao que ela se dedicou a estudar durante sua história. Um dos autores que a professora de literatura estudava, o autor John Dane, trazia frequentemente em seus escritos a questão do tempo, da brevidade da vida, da noção religiosa de salvação, bem como da morte.

É notório perceber que, nesses momentos de divagação, mesmo tendo se dedicado tanto ao estudo desses temas, ela sempre tem algo novo para pontuar, como se através da experiência de adoecimento estivesse entrando em contato de uma forma mais lúcida com as noções de finitude que seu escritor favorito apontava. A consciência de si mesmo é o que faz do homem ser humano, no entanto, essa noção somente é possível quando se tem consciência sobre a própria finitude (Porto & Lustosa, 2010).

Outro conceito fundamental nesse contexto é o de dor total, uma abordagem holística desenvolvida por Cicely Saunders, precursora dos Cuidados Paliativos. Esse conceito reconhece que a dor vivenciada pelo paciente oncológico durante o tratamento vai além do sofrimento físico, englobando também dimensões psíquicas, sociais e espirituais (Clark, 2018). A dor, sendo um fenômeno universal da existência humana, possui dimensões subjetivas e está profundamente relacionada à forma como cada indivíduo constrói e interpreta sua experiência ao longo da vida (Kovács, 2016). Dessa maneira, não se trata apenas de um sintoma físico, mas de uma vivência que carrega significados pessoais e singulares.

Além disso, a exposição prolongada à dor e a sensações desagradáveis pode alterar a percepção do paciente sobre sua própria existência, contribuindo para o surgimento de pensamentos negativos e reduzindo sua motivação para enfrentar o adoecimento (Antonechen & Dóro, 2016). Diante disso, torna-se essencial que os profissionais de saúde reconheçam essa complexidade e

compreendam a trajetória de vida do paciente, considerando os significados que ele atribui à sua experiência, de modo a oferecer um cuidado mais humanizado e alinhado às suas necessidades individuais.

A dor ameaça todo o ser e pode trazer consigo a convicção de que a doença está se agravando, intensificando o temor nos pacientes que a vivenciam (Porto & Lustosa, 2010). Surge então outra perspectiva, da função que a dor tem de trazer o indivíduo para uma posição de reflexão e de consciência sobre a sua própria vida e sobre a situação que está vivenciando. No filme, a experiência de adoecimento também tem a função de comunicar, de trazer o indivíduo para uma posição ativa frente à experiência de sofrimento.

Para além da experiência de adoecer, sobreviver ao tratamento do câncer não significa necessariamente ser curado, mas se adaptar à condição, com organização e seguimento à vida cotidiana (Aguiar, 2019). A autora aponta que o termo sobrevivente possui um caráter de autonomia e proatividade no processo de tratamento para o paciente, saindo de um lugar de passividade e para um movimento de estar ativo em seu processo de cuidado. Sobreviver ao câncer é desenvolver e manter um processo autônomo na vivência da experiência de adoecimento não importando o que aconteça a seguir.

É notório ressaltar sobre o trabalho do psicólogo junto à família e a equipe de saúde, mesmo não tendo sido abordado no filme, que se dedica a mostrar mais a vivência da personagem Vivian. É imprescindível também a atenção às questões de familiares e de profissionais que também estão presentes na temática do câncer. No que tange especificamente à família, entende-se que a doença afeta todo o sistema familiar, há a necessidade de reorganização e de reequilíbrio das responsabilidades familiares e o cuidado com os cuidadores principais, que ficam sobrecarregados e em sofrimento intenso (Kovács, 2016).

Assistir a família, portanto, também é papel do psicólogo e dos demais membros da equipe multiprofissional. Porém, a atenção com os profissionais de saúde também é importante, pois a rotina intensa de trabalho e constante exposição ao estresse pode intensificar as incidências da síndrome de burnout em cuidadores.

A atuação da psicologia nas organizações de saúde voltadas ao bem-estar dos trabalhadores pode contribuir significativamente para a promoção da saúde mental entre os colaboradores. Isso envolve abordar temas relevantes com a equipe, promover a divisão de responsabilidades e desenvolver projetos de autocuidado voltados para os cuidadores. O bem-estar dos profissionais de saúde configura-se como imperativo ético para oferecer o melhor cuidado possível para os pacientes e para as famílias.

O cuidado pode permanecer após o óbito dos pacientes, embora o acompanhamento da família seja mais difícil, a criação de grupos de enlutados ou o encaminhamento destes para outras instituições na rede de saúde mental são opções efetivas de cuidado para com esse público. De modo geral, ações como escuta ativa, acolhimento e disponibilidade são algumas das contribuições da Psicologia para pacientes, família e equipe, podendo o acompanhamento psicológico se fazer presente em todas as etapas da doença desde o diagnóstico.

Diante do que foi exposto, foi perceptível os avanços que engloba os aspectos metodológicos da assistência em saúde, porém o pouco de envolvimento da metodologia com a dimensão de humanização, onde se requer o zelo e a transparência nas relações, em que se faz relevante o cuidado para além do âmbito físico. De todo modo, o artigo buscou dissertar sobre as intervenções propostas e as possíveis ações a serem ponto para discussão a fim de tornar esse espaço de debate ainda mais comum e impulso para melhorias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, percebe-se que o filme Wit – Uma lição de vida traz assuntos pertinentes para o campo da Psicologia da Saúde, bem como da Psicologia Hospitalar e da Psico-oncologia. Embora a obra tenha como lançamento o ano de 2001 e diversos aspectos referentes ao cuidado ao paciente oncológico já tenham se modificado, é possível observar algumas situações ainda no tempo presente. A relação dos profissionais de saúde com os pacientes é uma questão

que pode ser apontada, mesmo havendo um movimento crescente referente à humanização, ainda é possível observar a hierarquização do cuidado e a sobreposição do saber médico em detrimento das outras categorias profissionais e do próprio paciente.

Busca-se cada vez mais para uma horizontalidade do cuidado pelos profissionais de saúde aos pacientes em adoecimento. Nesse sentido, a partir do filme é possível discutir qual a importância da psicologia na assistência do paciente com câncer, uma vez que pode contribuir para a manutenção e o fortalecimento do espaço de fala do sujeito, além de poder contribuir para a ampliação do olhar dos demais profissionais que compõem a equipe de cuidado.

Muitas vezes, o tratamento indicado é visto como algo mais ameaçador que o diagnóstico por ser invasivo e por trazer impactos consideráveis nas dimensões físicas e psíquicas do paciente. Ao longo do tratamento, podem surgir modificações que exigem a tomada de decisões desafiadoras.

Assim, ao incluir esses aspectos complementares na discussão do filme, torna-se possível entender a Psico-oncologia como uma área de cuidado dedicada à promoção da qualidade de vida do paciente, da família e da equipe envolvida no processo de adoecimento. Quanto mais se debate e dissemina os princípios e as práticas da Psicologia na área da saúde, mais se evidencia a demanda por profissionais qualificados, bem como a necessidade de formações, estudos e pesquisas nesse campo.

Por isso, é fundamental que os estudantes de psicologia tenham contato com temas relacionados à Psicologia da Saúde ainda na graduação, visto que não só a produção de conhecimento nessa área está em expansão, mas também as oportunidades de trabalho e atuação nos serviços de saúde. Assim, será ainda mais fortalecido o campo de intervenções e habilidades no propósito de cuidar de maneira mais efetiva e (a)fetiva dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

Aguiar, M. A. F. (2019). Capítulo 1 Psico-oncologia: assistência humanizada e qualidade de vida. In M. A. F. Aguiar et al., *Psico-oncologia: caminhos de cuidado*. Summus Editorial.

Antonechen, A. C., & Dóro, M. P. (2016). Qualidade de vida, ansiedade e depressão em pacientes da hemato-onco com dor crônica. *Saúde (Santa Maria)*, 42(1), 225–234. <https://doi.org/10.5902/2236583419001>

Associação Brasileira do Câncer. (n.d.). Sobre o câncer. <http://www.abcancer.org.br/sobre.php?c=8&s=18&lang=16>

Barboza, H. H. (2000). Princípios da bioética e do biodireito. *Revista Bioética*, 8(2). https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/276

Carvalho, M. M. M. J. (1994). *Introdução à psico-oncologia*. Editorial Psy.

Clark, D. (2018). *Cicely Saunders: a life and legacy*. Oxford University Press.

Conselho Federal de Medicina. (2012). Resolução CFM Nº 1.995/2012: Dispõe sobre as diretivas antecipadas de vontade dos pacientes. *Diário Oficial da União*, Seção I(170), 269–270.

Delalibera, M., Presa, J., Barbosa, A., & Leal, I.. (2015). Sobrecarga no cuidar e suas repercussões nos cuidadores de pacientes em fim de vida: revisão sistemática da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(9), 2731–2747. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015209.09562014>

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Bookman.

Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica* (Apostila UECE). Universidade Estadual do Ceará.

Gil, A. C. (2018). *Como elaborar projetos de pesquisa* (6ª ed.). Atlas.

Ladeira, T., & Grincenkov, F. (2020). Relação entre a saúde mental de pacientes com câncer avançado em quimioterapia paliativa e seus familiares cuidadores. *CES Psicologia*, 13(2), 1-17. <https://doi.org/10.21615/cesp.13.2.1>

Kovács, M. J. (2016). Psico-oncologia: definições, desafios e campos de atuação. In M. Kamers, H. H. Marcon & M. L. T. Moretto (Orgs.), *Desafios atuais das práticas em hospitais e nas instituições de saúde* (pp. 47–63). Editora Escuta.

Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. Casa do psicólogo.

Kübler-Ross, E. (2008). *Sobre a morte e o morrer* (9ª ed.). Martins Fontes.

Kupermann, Daniel. (2016). Trauma, sofrimento psíquico e cuidado na Psicologia Hospitalar. *Revista da SBPH*, 19(1), 6-20. Recuperado em 10 de março de 2025, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582016000100002&lng=pt&tlng=pt.

Mäder, B. J. (2016). Fundamentos em psicologia hospitalar da saúde. In M. Kamers, H. H. Marcon & M. L. T. Moretto (Orgs.), *Desafios atuais das práticas em hospitais e nas instituições de saúde* (pp. 47–63). Editora Escuta.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5ª ed.). Atlas.

Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2015). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.

Monteiro, D. T., Mendes, J. M. R., & Beck, C. L. C. (2019). Medidas de conforto ou distanásia: o lidar com a morte e o morrer de pacientes. *Revista da sociedade brasileira de psicologia hospitalar*, 22(2), 189-210. <https://doi.org/10.57167/Rev-SBPH.22.214>

Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta* (Vol. 56). Summus editorial.

Porto, G., & Lustosa, M. A. (2010). Psicologia Hospitalar e Cuidados Paliativos. Revista da SBPH, 13(1), 76-93. Recuperado em 10 de março de 2025, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582010000100007&lng=pt&tlng=pt.

dos Santos, I. P., Bezerra, L. M. L., Santos, G. A., da Silva, J. A., Justa, J. W. O. D. S., Carvalho, D. M., & de Freitas, R. M. L. (2024). Finitude E Bioética No Fim Da Vida: Desafios Éticos E Considerações Práticas No Cuidado De Pacientes Terminais. *Revista Cedigma*, 2(3), 81-94. <https://revistacedigma.cedigma.com.br/index.php/cedigma/article/view/24>

Silva, C. H. D., & Schramm, F. R. (2007). Bioética da obstinação terapêutica no emprego da hemodiálise em pacientes portadoras de câncer do colo do útero invasor, em fase de insuficiência renal crônica agudizada. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 53(1), 17-27. <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/1824>

Nichols, M. (Diretor). (2001). *Wit, uma lição de vida* [Filme]. Thompson, E., Lloyd, C., Atkins, E., & McDonald, A. (Produtores).

Recebido: 14/06/2025

Aprovado: 25/06/2025

Publicado: 01/07/2025

Autoria:

Florence Façanha de Oliveira

Afiliação institucional: Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Endereço eletrônico: florencefacanha@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2069-3724> Link do currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3132524006850647> Endereço completo: Rua Jaime Pinheiro, número 130. CEP 60810250, Fortaleza/Ceará.

Lívia Nádia Albuquerque dos Santos

Afiliação institucional: Universidade de Fortaleza (UNIFOR) Endereço eletrônico: livianadia99@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5230-0529> Link do currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3534335019652623> Endereço completo: Rua Barão de Aracati, número 2499. CEP 60115082, Fortaleza/Ceará.